



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO
PRESENCIAIS DE LICENCIATURA EM LETRAS
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

ADÃO LUIZ DA SILVA

**POVO CIGANO: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM IVO NO ROMANCE
ANGÚSTIA, DE GRACILIANO RAMOS**

JOÃO PESSOA

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO
PRESENCIAIS DE LICENCIATURA EM LETRAS
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

ADÃO LUIZ DA SILVA

**POVO CIGANO: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM IVO NO ROMANCE
ANGÚSTIA, DE GRACILIANO RAMOS**

Trabalho apresentado ao curso de
Licenciatura em Letras pela
Universidade Federal da Paraíba, como
requisito para obtenção do grau de
Licenciado em Letras, habilitação em
Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Cristina
Marinho Lúcio

JOÃO PESSOA

2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586p Silva, Adao Luiz da.

Povo Cigano. uma análise da personagem Ivo no romance
Angustia, de Graciliano Ramos / Adao Luiz da Silva. -
João Pessoa, 2019.

41 f.

Orientação: Ana Cristina Marinho Lúcio.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Angústia; Povo Cigano; Graciliano Ramos. I. Lúcio,
Ana Cristina Marinho. II. Título.

UFPB/CCHLA

Dedico a Deus, meu
Redentor e Senhor Pessoal, à
minha esposa e filhos, e aos
meus diletos professores e
colegas de turma.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Deus, meu Senhor e Salvador pessoal, que por sua graça concedeu-me a oportunidade de chegar até aqui.

Agradeço aos meus pais (*in memoriam*), cujas vidas, Deus usou para me trazer a este mundo. Por sua educação, pois, ao seu jeito, puderam contribuir na minha formação.

Agradeço à minha esposa, Maria Selma Gomes da Silva, e aos meus filhos, Talita Gomes da Silva e Luiz Henrique Gomes da Silva, pela paciência, incentivo e apoio ao longo dessa jornada.

Agradeço aos meus professores, que através das aulas ministradas, ensinaram-me mais do que conteúdo, ajudaram-me a enxergar a preciosidade do sublime conhecimento.

Agradeço à minha orientadora, professora. Dra. Ana Cristina Marinho Lúcio, por sua paciência, cuidado e presteza, ao longo das orientações.

E, finalmente, agradeço aos colegas de turma com os quais estudei, debati e aprendi a respeitá-los.

Amai, pois, o estrangeiro,
porque fostes estrangeiros na
terra do Egito
[Deuteronômio 10.19]

RESUMO

Neste trabalho dispomo-nos a analisar a personagem Ivo no romance **Angústia**, de Graciliano Ramos. O objetivo é analisar “traços da vida cigana”, ao longo do romance. Para isso, recorreremos aos seguintes pesquisadores: Sílvia Régia Chaves de Freitas Simões, com o texto “Vida Cigana: aspectos que configuram as atuais dinâmicas das mudanças dos ciganos brasileiros”; Ana Paula C. B. Soria, com “‘Juncos ao Vento’: literatura e Identidade romani (cigana) *El alma de los parias*, de Jorge Nedich”; Rodrigo Corrêa Teixeira, “História dos Ciganos no Brasil” e Stuart Hall: “A Identidade Cultural na Pós-Modernidade” e “Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais”. Sobre a obra de Graciliano Ramos foram utilizamos as contribuições de Otto Maria Carpeaux, Fabiano Ferreira Costa Vale e Willy Carvalho Coelho.

Palavras chave: Angústia; Povo Cigano; Graciliano Ramos,

RESUMEN

En este trabajo estamos listos para analizar el personaje de Ivo en la novela *Angustia*, de Graciliano Ramos. El objetivo es analizar "rastros de la vida gitana" a lo largo de la novela. Para esto, recurrimos a los siguientes investigadores: Sílvia Régia Chaves de Freitas Simões, con el texto "Vida Gitana: aspectos que configuran la dinámica actual del cambio gitano brasileño"; Ana Paula C. B. Soria, con "Juncos ao Vento": literatura e identidade romaní (gitana) *El alma de los parias*, de Jorge Nedich "; Rodrigo Corrêa Teixeira, "Historia de los gitanos en Brasil" y Stuart Hall: "Identidad cultural en la posmodernidad" e "Identidad y diferencia: la perspectiva de los estudios culturales". Sobre el trabajo de Graciliano Ramos utilizamos las contribuciones de Otto Maria Carpeaux, Fabiano Ferreira Costa Vale y Willy Carvalho Coelho.

Palabras clave: *Angustia*; Gente Gitana; Graciliano Ramos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
I. PROPOSIÇÃO DO TRABALHO.....	10
1. Apresentação dos componentes	10
2. Contextualização da obra	11
3. Mapeamento dos recortes.....	13
4. Justificativa das escolhas	15
II. FORMAÇÃO CULTURAL E IDENTIDADE DO POVO CIGANO.....	17
1. Chegada ao Brasil	17
2. A língua.....	18
3. Comerciantes de escravos	20
4. Nomadismo e Sentarismo.....	21
5. Religiosidade.....	24
III. A PERSONAGEM IVO NA FEITURA DO ROMANCE.....	27
1. O olhar do outro	27
2. Identidade negada	30
3. A Voz silenciada	33
4. Estereótipos	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40

INTRODUÇÃO

A história narrada sobre o povo cigano aparece marcada em muitos momentos por estereótipos e discriminação. Isso pode ser visto nas rodas de conversas, nos noticiários, nos registros oficiais e, até mesmo, em várias obras literárias. Por esta e outras razões, é necessário que, em especial, a academia promova pesquisas e debates, no intuito de eliminar, ou pelo menos diminuir os desmandos que vêm ocorrendo com a etnia cigana.

Pensando nisso, nos propomos através dessa pesquisa empreender esforços para analisar “traços da vida cigana” na personagem Ivo, no intuito de trazer à discussão evidências que mostram que até mesmo na literatura é possível difundir e perpetuar muitos estereótipos e discriminações sobre este povo. Para isso, dividimos este trabalho de conclusão de curso em três capítulos

No primeiro capítulo, fazemos uma apresentação do trabalho, o que envolve a trajetória do autor de *Angústia*, o destaque que o romance tem recebido ao longo da história da literatura, a justificativa do *corpus*, a fundamentação teórica e o mapeamento dos recortes analisados.

No segundo capítulo, discutimos “A história do povo cigano: apontamentos”, pontuando a chegada deste povo ao Brasil, os principais grupos, a vida nômade, a língua ágrafa, a religiosidade e alguns estereótipos a eles atribuídos.

No terceiro capítulo, “a Personagem Ivo na feitura do romance”, analisamos a partir do arcabouço teórico, três principais trechos do romance nos quais Ivo é construído a partir do olhar do narrador, o qual sempre que se refere à personagem o faz a partir de um olhar baseado em princípios de uma sociedade dita “civilizada”, de forma a desconsiderar a própria identidade de Ivo.

I- PROPOSIÇÃO DO TRABALHO

1. Apresentação dos componentes

O presente trabalho tem como *corpus* o livro *Angústia*, escrito por Graciliano Ramos¹. O objetivo é analisar “traços da vida cigana”, ao longo do romance. A análise contempla principalmente a personagem Ivo, cuja presença se destaca em varias páginas ao longo do romance.

Visando investigar o tema de nossa escolha, fundamentamos a pesquisa recorrendo à tese de Sílvia Régia Chaves de Freitas Simões, com o título “Vida Cigana: aspectos que configuram as atuais dinâmicas das mudanças dos ciganos brasileiros” (2014), na qual a autora apresenta algumas questões relacionadas à trajetória dos ciganos no Brasil, entre eles o nomadismo e a sedentarização e alguns mitos sobre a vida cigana.

Além dessa tese, utilizamos o trabalho de Ana Paula C. B. Soria, intitulado “‘Juncos ao Vento’: literatura e identidade romani (cigana) *El alma de los parias*, de Jorge Nedich” (2016), no qual a pesquisadora busca pontuar alguns estereótipos e preconceitos acerca do povo cigano, como a visão equivocada de que eles constituem um grupo de ladrões e pessoas selvagens, entre outros preconceitos que ainda permanecem no imaginário de muitas pessoas.

Também recorremos ao livro de Rodrigo Corrêa Teixeira, cujo título é “História dos Ciganos no Brasil”, através do qual o autor contribui com uma rica abordagem acerca da história deste povo no Brasil, desde a vinda dos primeiros ciganos para solo brasileiro até a imagem que tem sido construída sobre o citado povo ao longo da história. E isso é oportuno, visto que, como afirma Teixeira, “As relações entre estes assim chamados ciganos e os membros das sociedades envolvidas, por terem se diferenciado bastante, no tempo e no espaço, nunca foram tranquilas” (2008, p.5).

Além das obras já citadas nos valem, também, de dois livros de Stuart Hall: “A Identidade Cultural na Pós-Modernidade” (2006) e “Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais” (2014). Este último, escrito em parceria com Tomaz

¹RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 27. ed. Rio, São Paulo: Recorde, 1984.

Tadeu da Silva (org.) e Kathryn Woodward. Em ambos são discutidas questões acerca da identidade cultural na modernidade (a qual Hall denomina de modernidade tardia) e avaliada a possibilidade de uma crise de identidade na atual sociedade.

Igualmente, na construção do trabalho, recorreremos à fortuna crítica existente sobre o romance *Angústia*. Dentre os autores, contamos com Otto Maria Carpeaux, o qual, em sua apresentação da visão de Graciliano Ramos, traz grande contribuição para a leitura da obra. Ainda, nos valem da Tese de Fabiano Ferreira Costa Vale, com o título “*Angústia*, de Graciliano Ramos: uma narrativa de tempos sombrios”, especialmente o capítulo primeiro no qual o autor aborda a atualidade e a permanência de *Angústia*. Por fim, contamos com um artigo de Willy Carvalho Coelho, intitulado “Ilegitimidade como Forma: uma leitura de *Angústia*, de Graciliano Ramos”, no qual o autor propõe fazer uma análise do processo de composição do romance.

2. Contextualização da obra

Graciliano Ramos (1892-1953), nascido numa família de classe média, é considerado um escritor regionalista². De sua imensa produção foi a obra *Vidas Secas* que o tornou mais conhecido no mundo literário. As obras *Caetés* (1933) juntamente com *São Bernardo* (1934) e *Angústia* (1936) podem ser vistas como uma trilogia em razão de serem escritas em primeira pessoa, apresentando, assim, o estado de alma de pessoas em constante indagação.

Graciliano Ramos foi romancista, cronista, jornalista, político e memorialista. Tradutor de obras em inglês e francês e honrado com diversos prêmios ainda em vida, sua produção recebeu reconhecimento da crítica literária e do mundo acadêmico. E como afirma Vale (2016, p.19),

A obra de Graciliano Ramos revela, principalmente pela impressão suscitada pelo seu estilo, sempre marcado por muita sobriedade, impecabilidade e aquela veia popular típica do Nordeste, o seu próprio sucesso.

Contemporâneo da segunda fase modernista, também conhecida como geração de 1930, o autor contribuiu para a discussão das causas sociais, denunciando, assim, a

² Para uma discussão quanto ao regionalismo de Graciliano ter sido visão tanto humanizadora quanto alienadora, consultar Antonio Candido.

realidade social do Brasil, tendo em vista, principalmente, a seca nordestina. Segundo Santos (2004, p.133), “os acontecimentos sociais que formam o cenário histórico da época são de suma importância para o entendimento de sua obra”. O romancista deixa transparecer em suas obras seus ideais na luta pelas causas sociais.

A obra de Graciliano Ramos é composta de romances, contos, crônicas e literatura infanto-juvenil. Dentre as obras que mais se destacaram estão: *Caetés* (1933), *Vidas Secas* (1938), *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936), *A Terra dos Meninos Pelados* (1939), *Brandão Entre o Mar e o Amor* (1942), *História de Alexandre* (1944), *Infância* (1945), *Histórias Incompletas* (1946) e *Insônia* (1947). Já outras foram publicadas postumamente, a exemplo de *Memória do Cárcere* (1953).

Sendo o terceiro livro do autor, e o mais complexo do conjunto de sua obra, *Angústia* foi bem acolhido pelo meio literário e intelectual da época dentre outras razões pela relevância circunstancial que envolvia a prisão do autor (COELHO, p.3), como consequência de sua luta em favor das causas sociais. Segundo Vale (2016, p.63), “Reler *Angústia* é entrar em contato com essa literatura social vigorosa, responsável por uma consciência crítica tão necessária nos dias atuais”. Também, por se tratar de uma obra de denúncia, vale à pena refletir sobre seu conteúdo, pois como destaca Mello (p.4):

Todos continuam em seus lugares, marcados pelas leis sociais, impostas por um regime de dominação que não permite as transformações sociais, a mobilidade dos membros componentes desta sociedade tão rigidamente estruturada.

Angústia, publicado em 1936, época em que seu autor estava preso, no então governo de Getúlio Vargas, como narrativa de primeira pessoa, tem como narrador Luis da Silva, um personagem em crise constante, cujo olhar está sempre sobre os demais personagens e si mesmo por meio de um discurso ambivalente. Isso porque é um protagonista que se apresenta ora de forma pessimista, ora de forma negativa. Portanto, o estado conflituoso do narrador, somado à tristeza de viver num contexto de miséria, caracteriza a obra *Angústia* como um trabalho importante.

De acordo com Vale (2016, p.27) “É o discurso do narrador que se torna responsável pelo caráter fragmentário e pelo clima alucinado do romance”. Alvo de inúmeros estudos, *Angústia* tem sido abordado sob as mais variadas temáticas. Contudo, não encontramos ainda nenhum estudo que explore os “traços da vida cigana” na obra, razão pela qual decidimos investigá-la.

3. Mapeamento dos recortes

Observando a obra como um todo, é possível identificar a presença de traços da vida dos ciganos na personagem Ivo, o qual aparece pela primeira vez no romance como um sujeito “silencioso e faminto” (RAMOS, 1984, p.20).

Segundo o narrador, Ivo é de uma pobreza tamanha que se alimenta de osso encontrado na cozinha de Luís da Silva (RAMOS, 1984), inclusive o personagem é rejeitado pelo narrador, pois este declara: “Não quero vê-lo, abaixo os olhos para não vê-lo” (RAMOS, 1984, p.20). Seu quadro é tão desesperador que lhe falta aquilo que Candido (2011, p.173) denomina de “bens compressíveis, como o alimento, a casa e a roupa”. E Ivo é esse sujeito a que lhe falta o básico para sobreviver, além de ser desprezado pelo seu anfitrião. Portanto, uma situação que pode ser analisada da perspectiva de Teixeira (2008, p.67), quando afirma:

O higienismo provocou uma transformação quanto à vestimenta, sobretudo nas camadas mais altas, introduzindo um conjunto de regras rígidas. Isso distanciou, bruscamente, as famílias de elite das famílias brancas pobres, mas principalmente dos ciganos.

A obra evidencia as dificuldades encontradas pelo personagem ao longo de sua trajetória. Mas é especialmente em três momentos (p.48, 168 e 187), envolvendo a personagem Ivo, e o desdobramento em outras páginas, que nos propomos, através de nossa abordagem monográfica, a analisar. Faremos um estudo que procure observar o tema a partir da personagem Ivo, em contato, principalmente, com o Luís da Silva, narrador do romance.

Como já destacado, tudo começa quando Ivo visita Luís da Silva e este projeta no velho a condição de um ser que mal abre a boca para falar e cujo estômago está sempre vazio (p.20). A este cenário de extrema necessidade e nomadismo se soma o desprezo por parte do narrador. Neste sentido, o olhar que Luis da Silva coloca obre Ivo distancia-se do que Simões (2014, p.40) denomina de “assumir o lugar do outro”, pois, segundo ela,

Assumir o lugar do outro, ou *falar por*, presume a existência de um falante e de um ouvinte. No caso em que o intelectual decide *falar por*, a interação não acontece e o sujeito subalterno fica impedido de se autorrepresentar.

Esse espírito de empatia está ausente na relação entre Luis da Silva e Ivo. Esse aspecto pretendemos explorar ao longo deste trabalho, pois, pensando no tema objeto deste trabalho, fica evidente, ao longo da história, o desprezo que muitos têm em relação ao povo cigano.

Além disso, em outra ocasião, ele é visto como um bicho entrando numa toca em busca de comida, mas sem sucesso, pois, segundo o narrador, Ivo “bateu, pediu comida: não teve resposta” (RAMOS, 1984, p.65). Por isso, talvez, tenha a “necessidade de se deslocar permanentemente para procurar e recolher alimentos, e não se fixando por muito tempo num determinado local” (SIMÕES, 2014, p.44), o que o caracteriza, inclusive, como um sujeito nômade.

Em outro trecho da obra, o narrador refere-se pela segunda vez ao personagem Ivo, informando que “seu Ivo queixava-se da carestia dos gêneros. Apertava o cinturão, bocejava, pedia comida” (RAMOS, 1984, p.48). Seu estado é tão deplorável que o narrador o considera uma figura aniquilada. Em seguida, Ivo é descrito como alguém que “não mora em parte nenhuma” (RAMOS, 1984, p.48). E conclui, ironicamente:

Conhece o Estado inteiro, jugo que viaja por todo o nordeste. Entra nas casas sem se anunciar, como um cachorro, dirige-se as pessoas familiarmente, sempre a pedir comida. Passa alguns meses na cidade, some-se de repente; aboleta-se nas povoações, nas fazendas, na capital (RAMOS, 1984, p.48).

Ou seja, alguém vivendo de lugar em lugar, buscando sobreviver, o que na concepção de Simões (2014, p.44), é considerado um modo de vida nômade, pois, “é, portanto, uma necessidade de evasão inerente ao ser humano”.

Em outra passagem o narrador o descreve como um patife, e até o considera um vagabundo, haja vista suas andanças pelo mundo. Diante desse quadro, o narrador tece seu juízo de valor, ao dizer: “Uma tristeza pensar em seu Ivo, que só serve para incomodar os outros” (RAMOS, 1984, p.168). Portanto, isso mostra que o personagem de nossa análise é uma pessoa inserida num contexto no qual lhe é imputado o papel de intruso, ou seja, de que ele vive para incomodar os outros. E neste sentido, já pensando nos estereótipos imputados ao povo cigano, vale à pena refletir sobre o que afirma Teixeira (2008, p.32):

Os ciganos no Brasil sempre estiveram em dissonância aos ideais de civilização e progresso. São identificados como elementos incivilizáveis, inúteis à sociedade, supersticiosos, corruptores dos costumes, vândalos, enfim, uma anomalia social e racial.

Essa compreensão é claramente evidenciada pelo narrador ao se referir à pessoa de Ivo. Em quase todas as passagens nas quais o narrador se refere a personagem da nossa análise, os estereótipos, semelhantes aos que são atribuídos ao povo cigano, são atribuídos a Ivo.

Por fim, em outro momento, Luís da Silva, diante do sumiço de Ivo, supõe que este esteja perambulando pelas fazendas e povoações, “bêbado sempre, cochilando, babando” (RAMOS, 1984, p.187). Além disso, o narrador ressalta que “Ivo, incapaz de fixar-se, índio e cigano, corre fazendas e povoações, pedindo, furtando” (RAMOS, 1984, p.187). Também para Luís da Silva, Ivo é um indivíduo inferior e, por isso, alerta a sua empregada para tomar cuidado com o hóspede, para que ele “não me abafe um livro” (RAMOS, 1984, p.187). Neste sentido, vemos mais uma vez um conjunto de estereótipos sendo evidenciados. Segundo Soria (2015, p.74),

Essas representações, se não formaram o imaginário social das sociedades sobre o grupo, o perpetuaram. Além disso, também garantiram uma tradição de estereótipos [...] O senso comum corresponde a uma construção histórica, criada quando a “verdade dos séculos” transforma a consciência prática da vida cotidiana e o pensamento das massas.

Portanto, é a partir dessas observações que desejamos mostrar, ao longo desta pesquisa, que uma das possibilidades de estudo em *Angústia* é olhar como é apresentada a personagem cigana no romance. Como ressalta Soria (2015, p.73) é “possível observar como foi sendo criada a imagem desse povo nas sociedades [...] A literatura, junto a outras representações artísticas como a pintura, ajudou a difundir essas imagens”.

4. Justificativa das escolhas

Nossa escolha de *Angústia* como *corpus* se dá por ser uma das obras que faz frente às estruturas do contexto social específico do Brasil. Como ressalta Santos (2004, p.133), em Graciliano, “os acontecimentos sociais que formam o cenário histórico da época são de suma importância para o entendimento de sua obra”.

No que diz respeito à escolha da fundamentação teórica, percebemos que os principais teóricos selecionados podem somar na construção do olhar que damos à temática. Sílvia Régia Chaves de Freitas Simões, por exemplo, desafia o leitor sobre alguns aspectos relacionados à trajetória dos ciganos no Brasil, o que, aplicado ao

estudo do nosso personagem, nos ajuda a entender a realidade vivida por Ivo. Já Ana Paula C. B. Soria contribui no entendimento de que alguns estereótipos e preconceitos acerca do povo cigano precisam ser compreendidos e abandonados. Por outro lado, Rodrigo Corrêa Teixeira soma no sentido de apresentar uma rica abordagem acerca da história deste povo no Brasil, desde a vinda dos primeiros ciganos para o solo brasileiro até a imagem que tem sido construída sobre o citado povo ao longo da história.

Por fim, recorremos a Otto Maria Carpeaux como fortuna crítica, visto que ele, em sua compreensão de *Angústia*, chama a atenção do leitor para a maestria e singularidade do romancista. Também recorremos a Fabiano Ferreira Costa Vale, por tratar da atualidade e permanência de *Angústia*: passados mais de oitenta anos desde que foi escrito o romance, ainda persistem os velhos problemas em nosso país. Ainda, recorremos a Willy Carvalho Coelho, visto que ele nos ajuda na compreensão das lutas pelas causas sociais.

No próximo capítulo apresentaremos alguns aspectos sobre a história do povo cigano e as imagens construídas sobre essa população no Brasil.

II- FORMAÇÃO CULTURAL E IDENTIDADE DO POVO CIGANO

Este capítulo analisa, mesmo que de forma breve, a história do povo cigano, pontuando sua origem, principais grupos, costumes e alguns estereótipos a eles imputados. Segundo Teixeira (2008), as origens do povo cigano são incertas, somado ao fato de que seus costumes e línguas são diversos entre os vários grupos existentes. Essa diversidade, de acordo com Teixeira (2008), tem contribuído para a existência de uma relação conturbada entre eles e o resto da sociedade, que os vê como diferentes ou inferiores.

1. Chegada ao Brasil

Segundo Simões (2014, p.29), “é impossível compreender a cultura brasileira sem incluir nessa reflexão as contribuições que os ciganos trouxeram para todas as artes, bem como para as letras, a toponímia, as formas de vestir, o trajar”. Por esta razão, em vez de vê-los como entraves, eles devem ser vistos como parte da história da humanidade, em especial, da brasileira.

Os estudos sobre o assunto dão conta de três principais grupos de ciganos. Teixeira (2008), por exemplo, começa a discussão, pelo grupo Rom, o qual, segundo ele, é majoritariamente o maior grupo. O autor também menciona o grupo Sinti, com maior expressão em países da Europa como Alemanha, Itália e França. Por fim, o pesquisador menciona o grupo Calon, com grande representação na Península Ibérica. Inclusive, foi dentre este grupo que vieram milhares de ciganos para o Brasil.

A história do povo cigano no Brasil tem início na segunda metade do século XVI, com o degredo da esposa e filhos de um cigano chamado João Torres (TEXEIRA, 2008). De acordo com Júnior (2013, p.100):

O degredo passou a ser utilizado como política de Portugal para limpar o país dos indesejáveis ciganos, o que se deu a partir de 1686, quando eles passaram a ser enviados para o Maranhão, local distante das maiores cidades do país - Salvador e Rio de Janeiro -, o que também serviria para ocupar uma região que ainda tinha uma população bastante significativa de índios.

No Estado de Minas Gerais, segundo Teixeira (2008), a presença do povo cigano pode ser percebida já no início do século XVIII, os quais foram trazidos da Bahia, Estado para o qual Portugal havia deportado parte desse povo. Isso se deu porque, de acordo com Júnior (2013, p.100):

A partir de 1718, o envio de ciganos passou a ser efetuado também para outras províncias, como Pernambuco, Ceará, Sergipe e Bahia, e através delas chegaram a outros locais, como Minas Gerais e São Paulo, e posteriormente se espalharam por todo o país.

Já por volta do século XIX, de acordo com Teixeira (2008), pouco se ouvia falar acerca do povo cigano em Minas Gerais. Apenas quando sua presença preocupava as autoridades eles surgiam em cena. Segundo Teixeira (2008, p.5):

Praticamente só se falava de ciganos quando sua presença inquietava as autoridades. Isto ocorria, por exemplo, quando eram acusados de roubarem cavalos. Nas poucas vezes que se escrevia sobre aspectos culturais dos ciganos, não havia qualquer interesse sobre como eles próprios viam sua cultura. Os contadores da ordem pública, com os chefes de polícia, os compreendiam como sendo "perturbadores da ordem", responsáveis pelos mais hediondos crimes.

Isso evidencia o quanto ao longo da história esta visão alimentou o imaginário coletivo acerca desse povo. Ainda segundo Simões (2014, p.34), "Documentos oficiais, boletins policiais e jornais sensacionalistas evidenciavam os percalços pelos quais passavam, os sofrimentos, as humilhações e principalmente o estigma". Tudo isso mostra como os estereótipos e preconceitos são prejudiciais no trato que uma sociedade tem com os grupos minoritários.

2. A língua

De acordo com Teixeira (2008), os ciganos constituem-se um grupo ágrafo, razão por que, talvez, não deixaram nada escrito, o que contribui para a existência de uma literatura escassa, sobrando apenas informações advindas "através de mediadores, chefes de polícia, clérigos e viajantes, por exemplo. Nestes testemunhos, a informação sobre os ciganos é dada por intermédio de um olhar hostil, constrangedor e estrangeiro" (TEIXEIRA, 2008, p.5). Esse tipo de entendimento traz consequências drásticas e uma demonstração clara dessa visão é que, por exemplo, em Minas Gerais, conforme aponta Teixeira (2008, p.5):

Os ciganos nas cidades mineiras estavam em dissonância aos ideais de civilização e progresso, tão marcantes deste período. São identificados como elementos incivilizáveis, inúteis à sociedade, supersticiosos, corruptores dos costumes, vândalos, enfim, uma anomalia social e racial. Uma vez vistos desta maneira, as autoridades tentavam controlá-los, no entanto.

E esse controle, é claro, trouxe sérios embates entre os ciganos e a polícia, provocando, inclusive, “tiroteios, que resultaram em mortos de ambos os lados” (TEIXEIRA, 2008, p.5).

Essa violação do direito do outro tem sido mostrada de muitas maneiras, pois não bastassem os meios de comunicação proliferarem tamanhos absurdos acerca do povo cigano, isso também foi promovido pela literatura. Conforme registra Simões (2014, p.35):

Esse aspecto negativo, e outros mais, encontram lugar de ancoragem na literatura, que possibilitou que se criasse um conjunto de representações fantasiosas e equivocadas, e fez com que os ciganos fossem vistos como desumanos e selvagens.

A citada autora fornece um exemplo desse olhar quanto ao povo cigano, chamando a atenção para a obra *Memórias de um sargento de milícias*, e comenta que a citada obra

Descreve os ciganos como um povo sem escrúpulos, velhaco e ladrão. Mas, e a literatura contemporânea? Até o momento, é possível afirmar que no campo da literatura não ocorreram grandes mudanças. O que mudou foi a atitude de empoderamento dos ciganos em relação à própria cultura (SIMÕES, 2014, p.35).

O fato de os ciganos serem considerados ladrões, em razão de suas práticas comerciais, foi ofensivo e destrutivo, e chegou a beneficiar outras pessoas, como afirma Teixeira (2018, p.74):

À medida que apareciam boatos de que um bando de ciganos estava chegando a uma determinada região, muitos ladrões não-ciganos passavam a aumentar suas atividades, na certeza de que estariam impunes e a culpa seria atribuída por toda população aos ciganos.

Este delito a eles atribuído, que era um dos mais significativos, tinha por trás um projeto civilizador que lutava por uma população ordeira: Buscava-

Estabelecer uma civilização, onde o imenso território fosse adequadamente ocupado por outra população ordeira, procurava-se construir uma idéia forte de Nação e conhecer e controlar aqueles que promoviam as desordens. (TEIXEIRA, 2008, p.73).

Talvez esses estereótipos se amenizassem caso houvesse mais obras literárias produzidas pelo próprio povo cigano, através da qual eles pudessem registrar sua própria história. Nesse sentido, como o que prevalece são obras escritas por não ciganos, ocorre o que Simões (2014), como já pontuamos em outro momento, chama de “falar pelo outro”.

Portanto, pesquisar a história do povo cigano é lidar tanto com uma tímida literatura escrita por eles mesmos, quanto saber selecionar o tipo de pesquisa que reconhece e aquela que não reconhece o lugar devido deste povo. Pois, como temos pontuado até aqui, o que se tem falado ou escrito sobre o povo cigano vai desde fatos que promovem alteridade até aos que os diminuem.

Outro fator que possivelmente se soma a esse prejuízo causado ao povo cigano foi que a Coroa Portuguesa impediu que os degredados, ao chegarem ao Brasil, se comunicassem em sua própria língua. Conforme salienta Júnior (2013, p.100-101):

Nas informações contidas em todas as cartas enviadas ao Brasil quando da chegada de mais ciganos degredados, ficou uma marca: a exigência da Coroa Portuguesa de impedir o uso da língua cigana. Era de responsabilidade das autoridades locais a repressão à língua desses degredados, para que eles pudessem interagir com os mandatários na colônia e também para impedir que a língua fosse uma forma de perpetuação de sua cultura.

3. Comerciantes de escravos

Outra questão sobre a qual vale à pena refletir, é que, por volta do século XVIII, em razão da altíssima taxa de escravos no Brasil, em torno de 48,7% do total da população (TEIXEIRA, 2008), há pesquisas que indicam que o povo cigano se envolveu na prática de comercialização de escravos. Segundo Teixeira (2008, p.7).

Aproveitando-se do aquecimento econômico, atrelado ao estrondoso crescimento populacional vivido pela cidade do Rio de Janeiro, os ciganos, estabelecidos de forma concentrada no Campo de Santana, aproveitaram-se do espaço desocupado no mercado de escravos de segunda mão, que atendia a proprietários de plantéis menores.

O Campo de Santana, no Rio de Janeiro, segundo Júnior (2013, p.100) passou a ser “Um dos lugares mais importantes para o povo cigano no Brasil, no século XVIII [...] que ficou conhecido como o “Campo dos Ciganos”.

Segundo apontam os pesquisadores da área, os ciganos não apenas negociaram escravos no Rio de Janeiro, mas também em outras regiões do interior do Brasil. Conforme Teixeira (2008, p.7), “isto proporcionou uma maior aceitação e mesmo valorização social dos ciganos, já que exerciam uma atividade reconhecida como útil por grande parte da população”.

Contudo, nem todos os estudiosos concordam com essa proposta. Soria (2015) chega a referir-se a essa possibilidade, mas argumenta que isso nunca foi provado. Sustenta, inclusive, que havia uma relação amigável entre os ciganos e os negros. E conclui, dizendo:

É possível que algum [...] isoladamente tenha colaborado com o tráfico, mas imputá-lo a toda uma etnia é um equívoco, principalmente considerando as condições miseráveis dos ‘ciganos’ que vieram ao Brasil [...] o tráfico era negócio de poderosos (SORIA, 2015, p.104).

Segundo a autora, essa perspectiva de que os ciganos negociavam escravos tem como pano de fundo uma viagem do artista francês Debret, que por aqui esteve por volta de 1816-1831 (SORIA, 2015). Também Teixeira (2008, p.58) pontua que,

Jean Baptiste Debret (1768-1848), com três gravuras e algumas páginas de comentários, concedeu-nos o mais extenso e expressivo testemunho sobre os ciganos, no Brasil, na primeira metade do século XIX. O artista francês concentrou sua atenção sobre os ciganos enriquecidos pelo comércio escravista e suas respectivas famílias.



Fonte: Google

Por esta razão, se pintou um quadro negativo sobre os ciganos, o que se cristalizou e tem sido tomado por alguns estudiosos como verdadeiro. Mais que isso,

“o imaginário que se desprende dessas obras influenciou as representações posteriores e formou o senso comum sobre a etnia” (SORIA, 2015, p105).

4. Nomadismo e Seditarismo

Ainda é necessário refletir sobre o nomadismo do povo cigano. Ao longo de sua história os ciganos tinham como uma das principais características a vida nômade,

através da qual eles conseguiam sobreviver de pequenos negócios, que vão desde a venda de artigos como sela e arreios até a venda e troca de animais (SIMÕES, 2014). Ainda segundo Simões (2015, p.44),

O nomadismo é identificado como um dos aspectos que mais caracterizam os ciganos, por sua vez conhecidos pelas andanças e admirados por sua capacidade de enfrentar as mais adversas condições climáticas, sociais, políticas e econômicas

Também somado a essa atividade comerciária, Soria (2015, p.55) é de opinião que, “no início, foi uma imposição devido à rejeição que os obrigava a fugir, mas com o tempo, o nomadismo se tornou a “morada”, o único “abrigo” real”. Teixeira (2008, p.37) ao abordar a temática, afirma:

Com o incômodo crescente com a presença deles na cidade, os ciganos se viam constrangidos a não permanecer por muito tempo nela, tendo que procurar, mais rapidamente, novas localidades, ou comerciar, acampar, enfim, viver em melhores condições.

Nesse sentido, as pesquisas também apontam que o empenho do povo cigano pelo estilo de vida nômade, tinha como proposta manter certa independência de outras culturas, como forma de manter sua cultura preservada. Júnior (2013, p.98) comenta que,

Os ciganos buscam em seu nomadismo uma independência em relação ao outro cultural e com isso conseguem manter sua cultura quase intacta e, ao mesmo tempo, manter um estado de permanente tensão entre seus membros e as culturas que em seu périplo o contato torna inevitável. Permanecer estranho ao outro é uma das táticas encontradas por eles para não segmentar suas práticas e, de certa forma, amalgamar seus discursos como grupo social.

Retomando os argumentos de Soria, ficamos cientes também de que o modo de vida nômade custou um preço nada agradável. Na concepção de Soria (2015, p.56),

O nomadismo, se por um lado representou o *oikos*- a casa em seu sentido mais amplo possível - também se constitui em um dos principais motivos de perseguições, retroalimentando um círculo, no qual o nomadismo era praticado em função das perseguições que, por sua vez, continuavam em razão de que esse atraía suspeitas, gerava medo e desconfiança.

Além disso, esse estilo de vida produziu no imaginário social muitos estereótipos que até hoje são vistos em larga escala. No senso comum é notório esse discurso de desconfiança, o que, inclusive, impede de as pessoas aceitarem a integração

deste povo em seu convívio. Ao tratar sobre esse prejuízo creditado ao povo cigano, Soria (2015, p.56) afirma:

As imagens comumente associadas ao nomadismo são “vida errante, anomia, vagabundagem” e arraigam-se nas profundidades do imaginário social, daí a dificuldade de aceitação de indivíduos nômades como integrantes das sociedades.

Por esta razão, o nomadismo passou a ser o principal motivo pelo qual o povo cigano teve que passar a ser visto como bodes expiatórios e um dos principais inimigos de muita gente ao longo de sua história. Esta oposição ao povo cigano se tornou tão forte que, nas palavras de Soria (2015, p.57):

O nomadismo foi considerado antitético à forma do Estado moderno, que trabalhava com afinco para eliminar o que considerava a sobrevivência de um modo de vida arcaico. Só os sedentarizados são passíveis à dominação.

Também nessa discussão, Teixeira (2008, p.72), ao discorrer sobre as suspeitas com as quais as sociedades sedentárias encaram o nomadismo do povo cigano, chega a dizer:

A maioria dos dicionários e enciclopédias do século XIX, tanto em língua portuguesa, quanto em francesa, rejeitavam e tratavam pejorativamente o nomadismo, pois este seria um modo de vida contrário ao "crescente progresso". Afinal, o ideal civilizatório requisitava a presença da cidade, por conseguinte, exigia o sedentarismo.

Não apenas isso, ser nômade tinha muitos outros inconvenientes. As estradas, por exemplo, por onde eles transitavam, além de repletas de transeuntes diversos, não atendiam às necessidades do povo cigano. Nas palavras de Teixeira (2008, p.40):

Difícilmente os ciganos encontravam a mesma recepção que os viajantes eventuais em geral encontravam em ranchos para pernoitar, nas estradas mais percorridas. Também nos caminhos mais difíceis e isolados não podiam contar com a ocasional hospitalidade dos donos de sítios e fazendas. Por isto estavam acostumados a não dependerem da boa vontade de estranhos.

Com o advento da industrialização, o povo cigano foi também atingido, pois, sendo um povo cujo patrimônio constituía de joias, dinheiro e animais, o “crescimento da produção de automóveis e a abertura de novas estradas causaram muitos prejuízos ao comércio de animais, principal renda desse coletivo” (SIMÕES, 2014, p.51)

Isso significa que o nomadismo que era tão praticado pelos ciganos, foi prejudicado pelo processo de industrialização, dando lugar ao sedentarismo. Abordando a temática, Soria (2015, p.269) afirma:

Se, por um lado, a sedentarização sempre foi uma espécie de exigência por parte das sociedades, por outro, os próprios romà, pouco a pouco, cedem às facilidades da vida sedentária, induzidos pelo consumo do mundo do *outro*.

Soria (2015, p.58), ainda comentando sobre a existência do fenômeno nos dias atuais, sustenta:

Atualmente, o nomadismo que apraz é o do neoliberalismo cosmopolita ou dos cosmopolitas neoliberais, formado por homens e mulheres de negócios que lotam as pontes aéreas em diversos países; celebridades e artistas que desbravam fronteiras reais e pertencem a diversos mundos virtuais; e turistas que consomem cultura e trazem lucros aos mercados nacionais e internacionais.

Por isso, eles, agora, em vez de viverem uma vida nômade, vivem o sedentarismo. Isso se constata quando se percebe que em várias cidades do país, os ciganos têm, inclusive, desejado e lutado por um espaço que lhes permita desfrutar de uma infraestrutura adequada. Soria (2015, p.57), finalizando essa discussão, provoca o leitor perguntando:

[...] como fica a secular aversão a esses grupos? Os romà, que ainda são atrelados ao nomadismo, sedentarizados ou não, são agora aceitos, queridos, idealizados como meta a ser seguida? Podem caminhar livremente pelas paisagens do mundo? Têm o direito de habitar o seu “lar-caminho”, se assim preferirem? Surpreendentemente, nada mudou em relação à reação ante o nomadismo dos romà, nem as suas diferenças.

Portanto, a indagação e inquietação de Soria desafiam o leitor a repensar o lugar que ele atribui ao povo cigano. O que, infelizmente, não acontece com muita gente, por este Brasil afora.

5. Religiosidade

Também é pertinente observar a religiosidade do povo cigano. Neste aspecto, Simões (2014) chama a atenção para o fato de, em razão da vida nômade do povo cigano brasileiro e, por isso, eles não possuírem um vínculo religioso único, suas

representações ritualísticas contam com a influência de várias religiões, singularmente do catolicismo. Simões (2014, p.54) oferece um exemplo da prática religiosa do povo cigano, dizendo:

Um exemplo disso são os ciganos que vivem na cidade goiana de Trindade e que são devotos do Divino Pai Eterno. A festa do Divino é uma tradição do catolicismo e da cultura popular, que acontece em várias regiões do país, com especificidades em cada lugar.

Isto mostra como eles vivem sua vida religiosa, influenciada particularmente pelo catolicismo. Ainda de acordo com Simões (2014, p.54):

Os ciganos de Trindade contam que mantêm a devoção ao Divino Pai Eterno como um forte elemento identitário. Ressaltam com orgulho que, estejam onde estiverem, é para essa festa que anualmente ocorrem diversos grupos ciganos.

Isso caracteriza o partilhar dos bens simbólicos, os quais podem contribuir para assegurar os vínculos pelos quais este povo luta para mantê-los entre si. Somada a isso, esta prática contribui para partilhar

Ao mesmo tempo de alteridade étnica, alteridade aqui entendida como valorização da própria cultura na sua diversidade. Ou seja, no momento em que os ciganos valorizam as expressões de religiosidade daquela cidade, também passam a ser respeitados pela comunidade em questão (SIMÕES, 2014, p.55).

As pesquisas revelam as práticas religiosas do povo cigano como praticantes católicos, porém não apenas da religião romana, mas também de linha protestante. Simões (2014, p.55), por exemplo, informa que:

Recentemente, tem-se percebido um fenômeno de migração de ciganos católicos para igrejas evangélicas. Não é por acaso que a Assembleia de Deus instituiu um projeto intitulado *Evangelismo aos ciganos* [grifo do autor].

Este trânsito da fé católica para a fé evangélica tem levado, inclusive, a igreja Assembleia de Deus a promover um ministério para atender às necessidades particulares do povo cigano, incluindo um trabalho de tradução da Bíblia para o *calón*, (SIMÕES, 2014), algo bastante comum entre as missões evangélicas em todo o mundo.

Todavia, segundo Simões, (2014), esta postura de conversão dos ciganos à fé protestante tem suscitado preocupações à etnia cigana, principalmente por causa da proibição da prática da quiromancia e outras práticas herdadas de seus ancestrais. Ainda, segundo a pesquisa da autora, uma das razões por que o protestantismo tem

alcançado êxito é a prática de acolhimento e solidariedade que esta corrente do cristianismo oferece a um povo “cuja tradição é tão fragilizada” (SIMÕES, 2014, p.57).

Também é importante salientar que, ao longo de sua história, um dos itens do povo cigano que mais tem sido atacado é a sua religião. Por mais que eles fossem recebidos nas comunidades religiosas, especialmente nas de corrente católica, eles eram vistos com desconfiança e às vezes com desprezo, como podemos ver na citação abaixo:

Ao mesmo tempo os ciganos eram considerados hereges, pagãos, idólatras e ateus. Atributos estes que se sabe serem inconciliáveis. Esse acúmulo de estereótipos absurdos expressa bem a condição de “bode expiatório” em que então viviam (e ainda hoje vivem) os ciganos (TEIXEIRA, 2008, p.69).

Somado a tudo isso, a etnia cigana era vista como pessoas acometidas de pecados por não cumprirem os rituais esperados pela igreja, sem falar do valor que teriam que pagar, caso desejassem casar na igreja católica. Tratando da temática, Teixeira (2008, p.69) argumenta que,

Por não cumprirem as solenidades do sacramento matrimonial, na visão da Igreja, os ciganos viviam em pecado como se praticassem concubinato. Além de tradicionalmente efetuarem suas próprias cerimônias, talvez os ciganos não se casassem na Igreja devido aos altos custos dos trâmites burocráticos e do pagamento ao pároco que realizava o casamento.

Diante do exposto acima acerca da história do povo cigano, o que podemos dizer ao finalizar este capítulo, é que este núcleo da sociedade sempre foi visto à margem de uma sociedade que ao invés de acolhê-los manipulava sua imagem em contraponto às “virtudes” de uma sociedade civilizada dos não-ciganos (Teixeira, 2008). Esta prática de excluir os grupos minoritários continua forte e o povo cigano continua sofrendo com este processo discriminatório.

Portanto, reunidas algumas informações essenciais sobre a história do povo cigano, seguimos nossa análise sobre a personagem Ivo. Tentamos observar como a personagem foi representada ao longo do livro *Angústia*.

III- A PERSONAGEM IVO NA FEITURA DO ROMANCE

Neste capítulo analisamos a trajetória da personagem Ivo ao longo do romance, observando alguns detalhes de como o narrador o vê, de forma a permitir um olhar outro sobre a construção do romance.

1. O olhar do outro

Como já pontuamos no capítulo I, apesar de não poder afirmar que Ivo é de fato apresentado como cigano, podemos perceber “traços da vida cigana” em sua pessoa pela forma como o narrador o vê. Isso porque, todas as vezes que Luis da Silva menciona a figura de Ivo, fala dele como um sujeito deslocado, ou seja, alguém que não se encaixa no projeto de uma sociedade “civilizada”. Esse olhar é marcado por uma visão que procura estabelecer uma cultura nacional, através da qual se empreendem esforços para criar padrões universais (HALL, 2006). Isso pode ser percebido na maneira como Luis da Silva observa Ivo:

E, enquanto desanuviava a cabeça, punha os olhos distraídos na figura aniquilada de seu Ivo, que ali estava no canto da parede, babando-se, as pálpebras cerradas. As mãos eram dois calos escuros, os pés descalços eram patas achatadas (RAMOS, 1984, p.48)

Importante observar nesse trecho do romance que a Ivo é atribuído um olhar de alguém que precisa passar por um processo de higienização, o qual engloba uma transformação visual da cabeça aos pés. Como destaca Teixeira (2008, p.67)

Um dos adjetivos mais aplicados aos ciganos foi o de "sujos". Talvez, porque uma das maneiras mais fáceis pela qual os indivíduos numa certa cultura podem se diferenciar dos indivíduos de uma outra qualquer está em chamá-los de sujos. A associação dos ciganos à sujeira é uma das mais sedimentadas imagens que diversas sociedades tiveram deles.

Este olhar posto sobre a personagem evidencia que o indivíduo, inserido em uma situação desta natureza, constitui-se em alguém privado de alteridade, em vista de sua identidade ser ocultada, prevalecendo, assim, o discurso do outro, cujo sentido influencia não só as ações dos sujeitos, mas também a concepção que este sujeito tem de si mesmo. A isso Hall (2006) chama de cultura nacional, a qual em sua tentativa de

construir sentidos, volta ao passado como ponto de referência, para restaurar as identidades. Para Hall (2006, p. 56), essa tentativa tem sérios problemas, pois

Frequentemente esse mesmo retorno ao passado oculta uma luta para mobilizar as “pessoas” para que purifiquem suas fileiras, para que expulsem os “outros” que ameaçam sua identidade e para que se preparem para uma nova marcha para frente.

Ainda, segundo este teórico,

As culturas nacionais, ao produzir sentidos [...] constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memória que conecta com seu passado e imagem que dela são construídas (HALL, 2006, p.51).

Diante disso, é importante salientar que a maneira como uma pessoa ou sociedade atribui ou não valor a outra pessoa, buscando estabelecer deste modo uma identidade unificada, esta identidade fica demarcada pelo que Woodward (2014) chama de símbolo.

Observando a maneira como o narrador confere a Ivo um lugar e uma identidade, a partir do seu lugar social, quando afirma que a personagem “entra nas casas sem se anunciar, como um cachorro...” (RAMOS, 1984, p.48), dá a entender que a mendicância é tida como um destes símbolos. Como tão bem coloca Woodward (2014, p.9-10), “[...] Existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa”. Essa associação, no caso de Ivo, é estabelecida pelo narrador. Ainda em outro trecho, Luis da Silva destaca a seguinte situação de Ivo:

Passa alguns meses numa cidade, some-se de repente; aboleta-se nas povoações, nas fazendas, na capital. Frequenta as salas de jantar e as cozinhas [...] Faz o que lhe mandam, recebe o que lhe dão, mas não agradece e não faz nada com jeito (RAMOS, 1984, 48,49).

Quando isso acontece, o indivíduo, submetido a este tipo de situação, mergulha num sentimento de incerteza, instabilidade e de não- pertencimento, o que resulta na fragilidade da pessoa que faz parte de um sistema do qual não consegue se encontrar. É importante salientar que essa situação é algo imposto por uma relação de poder, pois como constata Woodward (2014, p.19): “Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído”.

Esta prática de inclusão e exclusão ao mesmo tempo não se realiza sem um alto preço. Aqui percebemos que, dentre outras coisas, ela provoca formas de divisões e desigualdades. Segundo Woodward (2014, p.20):

Os sistemas simbólicos fornecem novas formas de se dar sentido à experiência das divisões e desigualdades sociais e aos meios pelos quais alguns grupos são excluídos e estigmatizados. As identidades são contestadas.

Isso revela, conforme postulam os autores citados até aqui, que a pessoa submetida a viver à margem da sociedade está sempre à mercê das ideologias daqueles que se colocam como senhores sobre os outros, pelo fato de estes não apresentarem as credenciais exigidas por uma sociedade dita civilizada. Isso pode ser entendido como resultado de um projeto de cultura nacional que tenta impor aos outros, buscando “unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma grande família nacional” (HALL, 2006, p.59).

Este olhar posto sobre o outro, demonstra que o sujeito inserido em determinados contextos sociais é exposto a vexames de vários tipos, sejam eles estereótipos, preconceitos ou de outra natureza, os quais culminam em enormes desafios para àqueles que muitas vezes não possuem condições para enfrentá-los, como parece ser o caso da personagem Ivo. Por esta razão é pertinente perceber que,

Porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais produto da marcação da diferença e da exclusão (HALL, 2014, p.109).

Contudo, a proposta de uma identidade unificada não se sustenta, apesar de todos os esforços que se pretenda empreender para mantê-la, pois como postula Silva (2014, 96) acerca do assunto,

A identidade não é uma essência; não é dado ou um fato - seja de natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental.

Por isso, não se pode imprimir no outro uma visão que o coloque em vexame, que o rebaixe, que o humilhe, que lhe force a viver segundo as normas impostas por outros, pois como tão bem coloca este mesmo autor,

A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder (SILVA, 2014, p.97).

Por esta razão, lidar desta forma com o outro cultural torna-se problemático, visto que coloca em xeque a identidade da outra pessoa. Isso acarreta danos sociais, ou seja, desencadeia uma série de consequências ao convívio entre as pessoas ou cultura. Mais uma vez Silva (2014, p.97) afirma que:

A questão da identidade, da diferença e do outro é um problema social [...] É um problema social porque, em um mundo heterogêneo, o encontro com o outro, com o estranho, com o diferente, é inevitável [...] porque a questão do outro e da diferença não pode deixar de ser matéria de preocupação.

Isso é pertinente nessa pesquisa, visto que, ao analisar o modo como Luis da Silva projeta seu olhar sobre Ivo, fica estabelecido o descaso que o narrador evidencia em relação à identidade da personagem em análise. E isso é produto de alguém ou de alguma sociedade que entende que é possível manter uma identidade unificada, a qual deve ser imposta ao outro. Segundo Hall (2006), é uma percepção fantasiosa, pois

Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu” [...] Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis [...] (HALL, 2006, 13).

Com isso, entendemos que Luis da Silva deveria projetar na pessoa de Ivo um olhar outro que permitisse conviver com as diferenças presentes na outra pessoa. Hall (2006, p.39) ao tratar ainda da questão da identidade, sugere: “Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento [...]”. Ainda, segundo este autor:

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo [...] e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento [...] Ela permanece sempre incompleta, está sempre em “processo”, sempre “sendo formada” (HALL, 2006, p.38).

2. Identidade negada

Em outra passagem, o narrador fala de Ivo como sendo alguém que, dentre outras coisas, incomoda os outros (RAMOS, 1984). É o tipo de sujeito visto como um estorvo, um embaraço para uma sociedade civilizada. Neste caso há uma demarcação de fronteira por meio da afirmação de uma identidade em detrimento da outra. Nas palavras de Silva (2014, p.82)

A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. “Nós” e “eles” não são, neste caso, simples distinções gramaticais. Os pronomes “nós” e “eles” não são aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicações de posições-de-sujeito fortemente marcadas por relações de poder.

Falando sobre os signos e as relações de classe, Volochínov (2013, p.196) afirma: “As palavras do falante estão sempre embebidas de opiniões, de idéias, de avaliações que, em última análise, são inevitavelmente condicionadas pelas relações de classe”. É por isso que a questão da identidade e diferença é quase sempre tratada num processo que envolve relações de poder (SILVA, 2014).

Não por acaso que esse incômodo causado por Ivo é em razão de este ser, na ótica do narrador, um vagabundo. Sobre esse estereótipo atribuído ao povo cigano, afirma Teixeira (2008, p.70):

A elite incomodava-se com o modo como os ciganos dispunham de seu tempo, que lhes parecia ser na ociosidade. Além de defenderem que o trabalho era a única forma de os pobres terem alguma dignidade, os ricos viam o ócio como patrimônio e privilégio unicamente deles. E os ciganos, ao desfrutarem também do ócio, serviam de mau exemplo aos homens laboriosos, e constituíam uma dissonância ao trinômio trabalho / ordem / progresso.

O quadro a que Ivo está sendo submetido é bem parecido. Ele é visto como um “patife”, alguém que já não possui vergonha pela situação vivida. Tal é a preocupação do narrador, que este pergunta: “onde anda seu Ivo?”. E responde: “Vagabundeando pelos municípios” (RAMOS, 1984, p.168). Teixeira (2008, 9.72), ao falar dos estereótipos atribuídos ao povo cigano, afirma:

O vagabundo se caracterizava pela ausência de domicílio, que é associada à imoralidade (incluindo a promiscuidade), à pouca higiene, à falta de vínculos com a sociedade sedentária e civilizada; o vagabundo, como estrangeiro, é mal afamado, ladrão em potencial, preguiçoso, delinqüente em potencial e propagador de epidemias

Ainda na busca para saber por onde perambulava Ivo, o narrador completa: “Uma tristeza pensar em seu Ivo, que só servia para incomodar os outros” (RAMOS, 1984, p.168). Em relação à vagabundagem, como traço da vida cigana, é pertinente citar Teixeira (2008, p.49):

Individualmente, o cigano era tido como preguiçoso, vagabundo e sujo, assemelhando-se à imagem do homem livre pobre. Mas o cigano era visto, antes de tudo, como um ladrão em potencial. O higienismo via nos ciganos [...] um incômodo enorme às normas sanitárias que estavam sendo implantadas [...] que deveria ser o modelo da nova cidade racionalmente organizada.

Na época do Império (1830), o Código Criminal, em seu Artigo 295, considerava a vadiagem e mendicância como crime (Teixeira, 2008). Em sua pesquisa, Teixeira (2008, p.72) afirma que o código

Indicava que os vadios deveriam tornar-se "úteis" e inserir-se no sistema produtivo e na ordem estabelecida. Para os ciganos, tal legislação significava que sofreriam ações repressivas ainda mais violentas, já que eram considerados "incorrigíveis", sem qualquer esperança de “regeneração” a curto prazo. Por isso, a solução imediata era expulsá-los da cidade e até mesmo da Província.

Este olhar é uma forma de estabelecer fronteiras entre uma sociedade e um indivíduo que não se encaixa nas expectativas aguardadas. Por essa razão, Luis da Silva vê Ivo com tristeza por este causar incômodo. Na percepção de Woodward (2014, p. 42),

As formas pelas quais a cultura estabelece fronteiras e distingue a diferença são cruciais para compreender as identidades. A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, frequentemente na forma de oposição.

A partir da diferença estabelecida entre dois indivíduos ou sociedade, passa a vigorar e prevalecer o processo de classificação, o qual é perceptível na forma como o narrador tece seu juízo de valor acerca de Ivo, no trecho acima. Por essa razão,

A produção de categorias pelas quais os indivíduos que transgridem são relegados aos *status* de “forasteiros”, de acordo com o sistema social vigente, garante um certo controle social. A classificação simbólica está, assim, intimamente relacionada à ordem social (WOODWARD, 2014, p.47).

Ao produzir esse conceito de forasteiro, percebido na pergunta do narrador acerca de Ivo: “onde anda seu Ivo?”, tem como referência a identidade do “habitante local” (WOODWARD, 2014, p.47). Nesse caso é a sociedade convencional que dita as

regras, é ela quem determina forasteiro aquele que for considerado um transgressor das regras. Na concepção deste mesmo autor:

Aplicar esses conceitos à vida social prática, ou organizar a vida cotidiana de acordo com esses princípios de classificação e de diferença, envolve, muito frequentemente, um comportamento social repetido ou ritualizado (WOODWARD, 2014, p.47).

No caso de Ivo, é perceptível essa tentativa por parte do narrador de se estabelecer um ritmo de vida sobre a personagem, ao gosto de uma sociedade civilizada.

3. A Voz silenciada

Também um destaque que nos chama atenção na narrativa, e até parece irônico, é o fato de o nome Ivo significar “Deus é cheio de graça³”. Geralmente, isso está associado, dentro do viés religioso, aos benefícios ou resultados que a pessoa obtém em decorrência da significação do seu nome. Contudo, isso não parece funcionar com Ivo, pois quando pela primeira vez o narrador destaca sua pessoa no romance, afirma:

Seu Ivo, silencioso e faminto, vem visitar-me. Faz agrados ao gato e ao papagaio, entende-se com Vitória e arranja um osso na cozinha. Não quero vê-lo, abaixo os olhos para não vê-lo (RAMOS, 1984, p.20).

Fica nítido nesta passagem que, dentre outras privações, Ivo está privado de exercer sua voz. Como afirma o narrador em outra passagem, é um sujeito “aniquilado” (RAMOS, 1984, p.20) e descrito como “invisível” (RAMOS, 1984, p.20). Nesta, o único lugar de destaque que a personagem tem é com o papagaio e o gato.

Quanto ao primeiro, o narrador informa que Ivo faz agrados ao papagaio, conhecido como um animal que repete sem qualquer julgamento aquilo que se ouve. Segundo o Dicionário de Símbolos⁴ (2019), o “papagaio é a representação de um **grande espelho universal** que reflete sem julgamentos tudo aquilo que ouve” [grifo dos autores]. Não por acaso, o narrador fala da relação da personagem com o animal. Seria isso uma maneira de afirmar que a personagem é alguém que se mantém em silêncio? Não é possível afirmar, apenas conjecturar.

³ Para maiores informações, favor, consultar o seguinte endereço: <<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/ivo/>>. Acesso em: 28 de agosto de 2019

⁴ Para maiores informações, favor, consultar o endereço a seguir: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/papagaio/>>. Acesso em: 28 de agosto de 2019

No entanto,, fica estabelecido um processo de classificação pelo qual se divide e ordena o mundo social. Esse processo se sustenta pela fixação de uma determinada identidade como norma. E da perspectiva de Silva (2014, p.83)

A normatização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normatizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas.

No caso da personagem Ivo, fica evidente que a ele é creditado um lugar inferior, além de sua voz ser silenciada, ao compará-lo ao papagaio. Para isso, uma identidade outra e superior ou melhor que a da personagem, foi eleita como parâmetro, para atribuir-lhe uma identidade inferior. Isso é o que fizeram o tempo todo com o povo cigano, não só no Brasil, mas fora dele.

Outra demonstração de classificação atribuída a Ivo pode ser vista pelos laços que este tem com o gato. Em várias culturas o gato⁵ simboliza a independência, a sabedoria, a sagacidade, entre outras coisas. Ainda, “seu simbolismo é muito diverso, oscilando entre as tendências benéficas e maléficas” (DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS, 2019).

No caso de Ivo, após o narrador falar do agrado que aquele faz ao gato, Luis da Silva deixa claro para o leitor quanto a sua intenção para com Ivo, dizendo: “Não quero vê-lo, abaixo os olhos para não vê-lo”. Seria o caso aqui de o narrador deixar nas entrelinhas que o seu hóspede é alguém maléfico? Não é possível dizer em que sentido, ao longo da narrativa, a representação do gato se dá, mas é oportuno dizer que em geral, ao

Dizer algo sobre certas características identitárias de algum grupo cultural, achamos que estamos simplesmente descrevendo uma situação existente, um “fato” do mundo social. O que esquecemos é que aquilo que dizemos faz parte de uma rede mais ampla de atos lingüísticos que, em seu conjunto, contribui para definir ou reforçar a identidade que supostamente estamos descrevendo. (SILVA, 2014, p.93)

E na situação de Ivo, dizer, por exemplo, que ele faz agrados ao gato e ao papagaio, é mais do que fazer uma descrição, é uma forma de atribuir à sua pessoa uma visão negativa e desprezível. É o não dito constatado. Tanto é possível que isso seja

⁵ Maiores informações podem ser encontras no endereço que se segue. < <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/gato/>>. Acesso em: 28 de agosto de 2019

verdadeiro, que Luis da Silva afirma que Ivo não é bem vindo à sua casa, ao dizer que não quer “vê-lo” (RAMOS, 1984, p.20).

Algo semelhante ocorre em outra passagem do romance, quando o narrador afirma: “Olhei com desgosto os olhos sem brilho de seu Ivo” (RAMOS, 1984, p.153).

Nesse sentido, a figura de Ivo que carrega o nome com o significado apresentado acima, na condição em que vive demonstra certa contradição, por não fazer jus ao nome que ele tem. Um sujeito vivendo à margem da sociedade, que não tem vez, não é bem vindo à casa do anfitrião, mais que isso, sua voz é silenciada.

Como observa Vale (2016, p.76), “No romance *Angústia*, o leitor nunca tem acesso direto às histórias dos outros personagens, quem o faz é sempre Luís da Silva”. E com Ivo não é diferente. Isso é visto pelo fato de o discurso quase sempre ser um discurso direto. É sempre o narrador quem está com a palavra.

4. Estereótipos

Num outro trecho do romance, o narrador volta a falar da personagem Ivo, e observando sua ausência, diz:

Que fim teria levado seu Ivo? À toa, procurando nas fazendas e nas povoações muitas vezes percorridas alguma coisa ignorada. Bêbado sempre, cochilando, bebendo, seu Ivo não encontra sossego. Uns foram para o Amazonas e acabaram-se no beribéri⁶, outros andam pelo sul, em concorrência com o estrangeiro. Seu Ivo, incapaz de fixar-se, índio e cigano, corre fazenda e povoações, pedindo, furtando (RAMOS, 1984, p.187).

Será que Luis da Silva está apenas percebendo a ausência de Ivo? Voltando aos traços da vida cigana, é oportuno observar que ao longo da história deste povo, houve certa inquietação, e porque não dizer um sentimento de “afronta à ordem pública” (TEIXEIRA, 2008, p.73). Não é por acaso que a resposta do narrador à pergunta que ele faz sobre o paradeiro de Ivo é a de que este anda à toa. Segundo Teixeira (2008, p.71),

Às vezes, **vadiagem** referia-se especialmente aos "ociosos" delinquentes com atividades "ilícitas", como jogos e roubos. Noutras ocasiões, o sentido se restringia à conduta transgressiva do jornalista

⁶ Doença causada pela carência de vitamina B1, caracterizada por distúrbios digestivos, edemas e perturbações nervosas (<https://www.dicio.com.br/beriberi/>).

que interrompia seus afazeres em proveito das 'vadiações' e divertimentos de rua (grifo do autor).

Na concepção do narrador, Ivo é uma pessoa que não se enquadra nos bons modos de uma sociedade civilizada. Por isso, ele é visto como um desocupado, alguém entregue ao vício e às andanças. Vale (2006, p.78-79), observando a tensão entre o narrador e outras vozes ao longo da construção do romance, faz uma observação pertinente:

A complexa e não menos tensa relação do narrador-personagem com as demais vozes representa as inúmeras lutas e orientações, a violência como marca do regime político que já se anunciava em 1936 com o avanço do conservadorismo sob a ruína das revoltas comunistas, o jogo de classes que prefigurava no apoio de grandes e pequenos proprietários.

Isso revela que o olhar de Luis da Silva acerca de Ivo é um olhar construído a partir de um projeto marcado pela violência que arranca do outro aquilo que deveria ser conservado e respeitado como um direito inviolável.

Mais ainda, seu olhar acerca de Ivo conta com certa dose de ironia, quando traz para dentro do seu discurso duas situações desastrosas: os que no “Amazonas [...] acabaram-se no beribéri” – uma possível referência à migração de nordestinos em função da seca, e os que no sul concorreram “com o estrangeiro” (RAMOS, 1984, p.187).

Seriam essa duas situações uma forma de dizer que com Ivo não seria diferente? Que ele continuaria um fracasso como àqueles? Tudo faz crer que sim. Inclusive, pela primeira vez, a personagem é chamada de cigana. Contudo, é possível ver nele os traços de vida cigana, pois diz o narrador: “incapaz de fixar-se, índio e cigano, corre fazenda e povoações” (RAMOS, 1984, p.187). Esse traço que ele carrega é suficiente para receber o estereótipo de ladrão, porque de acordo com Luis da Silva, Ivo “[...] corre fazendas e povoações [...] furtando” (RAMOS, 1984, p.187). Esse estereótipo é reforçado na passagem abaixo:

Não sabe tomar os objetos que necessita: pede, furta, é um indivíduo inferior. Por isso digo a Vitória quando ele entra em casa: - Vitória, preste atenção a seu Ivo. Cuidado para que ele não me abafe um livro (RAMOS, 1984, p.187).

Isso que está sendo atribuído a Ivo é um dos principais estereótipos atribuídos aos ciganos, incluindo o roubo de crianças (SORIA, 2015). Mais uma vez, o narrador

ironiza ao dizer que Ivo não possui as habilidades para “tomar os objetos”, e conclui: “um indivíduo inferior” (RAMOS, 1984, p.187).

A paranóia construída em torno de Ivo é tão intensa que Luis da Silva avisa à sua agregada, Vitória, para que esta tome cuidado porque Ivo pode abafar um de seus livros. Mas ele conclui que foi inútil avisar, pois “o livro foi abafado e oferecido adiante” (RAMOS, 1984, p.187). Observando esse trecho, é importante frisar que os estereótipos foram disseminados e perpetuados de tal forma sobre o povo cigano que até mesmo na literatura há inúmeras ocorrências sobre questões dessa natureza (SORIA, 2015).

Há outras passagens envolvendo a personagem Ivo, porém decidimos selecionar as que aqui foram discutidas para tentar provocar uma discussão em torno dos traços da vida cigana presentes na vida da personagem, objeto desta pesquisa. Como coloca Simões (2014, p.35),

Esse aspecto negativo, e outros mais, encontram lugar de ancoragem na literatura, que possibilitou que se criasse um conjunto de representações fantasiosas e equivocadas, e fez com que os ciganos fossem vistos como desumanos e selvagens.

É claro que, não podemos atribuir a Graciliano Ramos esse posicionamento em relação aos grupos minoritários, pois como apontamos no capítulo I, o alagoano ao longo de sua carreira provocou uma séria discussão sobre os lugares da população menos favorecida na sociedade brasileira.

Ao longo da construção do romance *Angústia*, é possível levantar alguns questionamentos sobre o papel da literatura na construção de estereótipos acerca dos grupos minoritários, especialmente os ciganos, ao observar como o narrador constrói seu olhar acerca da personagem Ivo.

Portanto, como uma obra que pode provocar no leitor uma disposição para engajar-se na luta em favor das causas sociais, o romance *Angústia* deve ser visto como um texto literário que contém uma proposta que pode ajudar no despertar de uma consciência crítica tão necessária nos dias atuais, sem necessariamente expor quaisquer que sejam os estereótipos acerca das minorias, como fazem algumas obras literárias. E isso, apesar do olhar do narrador sobre a personagem Ivo, pois neste caso, o que temos é um romance construído no sentido de provocar no leitor um olhar cuidadoso sobre as minorias, e não fomentar a discriminação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui empreendida teve como princípio motivador analisar “traços da vida cigana” na vida da personagem Ivo. Como vimos ao longo da pesquisa, o narrador, à medida que fala de Ivo, sempre o vê como um sujeito cuja identidade é sempre relegada à segunda categoria. O trato dado à personagem ao longo do romance nunca vem acompanhado de alteridade, pelo contrário, Ivo é sempre analisado em disparidade com a sociedade idealizada.

Também percebemos que estes traços vistos na personagem são traços construídos a partir de um conceito equivocado sobre a identidade dos sujeitos, conceito esse que elege um modelo de identidade unificado, um tipo que possa promover uma unidade nacional, para, a partir daí, incluir ou excluir quem não se enquadra no modelo estabelecido. Esse modelo unificado, empregado para avaliar os sujeitos na sociedade, contribui para construir estereótipos e preconceitos que são usados para apartar da sociedade idealizada todo aquele que não se enquadra nos moldes estabelecidos, como podemos notar na relação entre Luis da Silva e Ivo. Isso é percebido de tal maneira nessa relação que, como pontuado, virou uma paranóia da parte do narrador em seu contato com a personagem, ao considerar seu hospede um ladrão.

Esse olhar de desmerecimento e isolamento percebido na relação entre o narrador e a personagem, é uma representação de como a sociedade em geral lida com as minorias em quase todos os contextos da sociedade. Como pontuamos em algum momento dessa pesquisa⁷, não apenas os meios de comunicação e o senso comum, mas até mesmo na literatura é perceptível este olhar discriminador.

Uma pesquisa dessa natureza pode abrir caminhos para uma discussão mais ampla de como a sociedade tem lidado com a pessoa cigana. A história registrada por outros tem mostrado como esse povo tem sido alvo de vários preconceitos, os quais muitas das vezes têm contribuído para uma relação amargosa entre os ciganos e os não-ciganos.

Dito isto, uma pergunta fundamental é: será que nos dias atuais não existe uma demanda sobre a necessidade de estudantes, professores, instituições e sociedade em

⁷ Na pagina 19 deste trabalho, pontuamos algumas informações sobre isso.

empreender esforços consistentes em defesa das classes minoritárias, dentre elas, o povo cigano? E mais, até que ponto a literatura tem de fato provocado uma discussão que favoreça essas classes a ponto de valorizar, por exemplo, uma literatura própria deles, em especial, do povo cigano?

Essas perguntas exigem outro momento de pesquisa, isto é, outra investigação, o que não poderia ser feito aqui. Neste sentido, elas surgem como um desafio ou provocação à iniciativa de novas discussões em torno do povo cigano que habita o nosso país. Neste momento, cabe-nos dizer que os estereótipos e preconceitos para com a etnia cigana ao longo da história do Brasil podem ser vistos ainda hoje em nossa sociedade. Portanto, há um espaço dentro da temática aqui abordada que poderá provocar discussões sobre a identidade e os modos de vida do povo cigano e as representações literárias desse povo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRA, Luciano. **A Historicidade do Regionalismo Nordestino no Contexto da Geografia Crítica**. 2009. Disponível em: <www.webartigos.com/artigos/a-historicidade-do-regionalismo-nordestino-no-contexto-da-geografia-critica/13920>. Acesso em: 23/02/2019.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: _____ **Vários Escritos**. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2014.

COELHO, Willy Carvalho. **Ilegitimidade como forma: uma leitura de *Angústia*, de Graciliano Ramos**. UFMG. Disponível em: <www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/viewFile/3792/3739>. Acesso em: 04 de março 2019.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. 2008-2019. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/beriberi/>>. Acesso em: 26 de agosto 2019.

DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS: significado dos símbolos e simbologias. 2008-2019. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/papagaio/>>. Acesso em: 23 de agosto 2019.

DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS. 2008-2019. Disponível em: <<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/ivo/>>. Acesso em: 26 de agosto 2019.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. Quem Precisa de Identidade. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

JÚNIOR, Lourival Andrade. **Os Ciganos e o Processo de Exclusão**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 33, nº 66, p. 95-112- 2013.

LÓTUS ESOTERISMO, 2019. Disponível em: <<https://lotusesoterismo.com.br/baralho-cigano/rato-significados-no-baralho-cigano/>>. Acesso em: 23 de agosto 2019.

MELLO, Marisa Schincariol de. **Graciliano Ramos: modernista engajado**. Disponível em:

<www.unicamp.br/cemarx/ANAIIS%20IV%20COLOQUIO/comunicações/.../gt5m2c6.p>. Acesso em: 02 de agosto 2019.

RAMOS, Graciliano. **Angústia**. 27. ed. Rio, São Paulo: Record, 1984.

SANTOS, Robson dos. **Sociedade Literatura no Romance Angústia de Graciliano Ramos**. Revista de Iniciação Científica da FFC, v. 4, n. 3, p.133-141, 2004. Disponível em: <www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/view/105/106>. Acesso em: 04 de março 2019.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org); HALL, Stuart_____. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org); HALL, Stuart; WOODWARD, Katheryn. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

SIMÕES, Sílvia Régia Chaves de Freitas. **Vida Cigana: aspectos que configuram as atuais dinâmicas das mudanças dos ciganos brasileiros**. 2014. 290f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, 2014.

SORIA, Ana Paula C. B. **“Juncos ao vento”**: literatura e identidade romani (cigana) *El alma de los parias*, de Jorge Nedich. 2015. 330f. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **História dos Ciganos no Brasil**. Núcleo de Estudos Ciganos, 2008

VALE, Fabiano Ferreira Costa. **Angústia, de Graciliano Ramos: uma narrativa de tempos sombrios**. 2016. 204f. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <repositorio.unb.br/bitstream/10482/21956/1/2016_FabianoFerreiraCostaVale.pdf>. Acesso em: 04 de março 2019.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaievich. **A Construção da Enunciação e Outros Ensaio**s. São Carlos: Pedro & e João Editores, 2013.